

348

Perspectivas da interpretação: Carpeaux e sua fortuna crítica

Guilherme Mazzafera S. Vilhena

Procura-se descrever e analisar brevemente o atual estado da fortuna crítica acadêmica e dos projetos editoriais vinculados à obra de Otto Maria Carpeaux.

The article intends to briefly describe and analyze the current state of academic studies and editorial projects related to the works of Otto Maria Carpeaux.

DOI 10.11606/ISSN.2447-8997.TERESA.2020.167539

PERSPECTIVAS DA INTERPRETAÇÃO: CARPEAUX E SUA FORTUNA CRÍTICA



GUILHERME MAZZAFERA S. VILHENA

“A glória, já se disse, é o conjunto dos mal-entendidos
que se criam em torno de um nome”.

Otto Maria Carpeaux, “Jacob Burckhardt:
profeta de nossa época”

PRIMEIROS ESFORÇOS¹

Passados mais de quarenta anos de sua morte, o estudo da produção ensaística de Otto Maria Carpeaux ainda encontra pouco espaço nas universidades brasileiras, onde seus escritos são lidos sobretudo como textos de apoio. Atuando em um momento de transição do paradigma crítico do rodapé para a especialização universitária, Carpeaux, que jamais se incorporou como docente à academia, teve seus livros e ensaios gradualmente subsumidos por um limbo editorial, ocultamento este reforçado pela censura política de que foi vítima. No entanto, a partir da entrada do novo milênio este denso horizonte começa a se desanuiar.

No âmbito de estudos e trabalhos mais pontuais por pesquisadores universitários, cabe destacar a atuação de dois professores da Universidade de São Paulo. Zenir Campos Reis trabalhou ao longo de vários anos em um projeto de edição de inéditos e dispersos bem como de reedição revista da obra de Carpeaux. Os frutos desse trabalho, apesar de exíguos, são de extrema importância: a “descoberta” dos ensaios “Teatro e estado do Barroco” e “Formas do romance”. Na publicação do primeiro destes, em 1990, Reis adverte-nos sobre a urgência de travar batalha contra “o injusto esquecimento” de Carpeaux, e, em 1996, com a publicação do segundo, reforça a necessidade de uma leitura atenta diante da consciência etimológica, da “erudição sistemática” e da múltipla historicidade mobilizada por seus escritos. É da lavra de Reis, aliás, uma das mais minuciosas observações sobre o *estilo* de Carpeaux, enfatizando seu uso sistemático do discurso indireto livre “como forma

¹ Este artigo faz parte de uma pesquisa de doutorado sobre Otto Maria Carpeaux, vinculada à FFLCH-USP, e conta com apoio do CNPq. O artigo constitui um primeiro esforço de descrição e avaliação sintética do estado atual da fortuna crítica acadêmica e dos projetos editoriais vinculados à obra de Carpeaux.

de glosar o pensamento dos autores que tratou” (REIS, 2002, p. 293).² Na mescla profusa entre a fala do crítico e a enunciação do pensamento alheio, tem-se a construção de uma “consciência sociológica” que, se não deixa de ser por vezes desnorteante, faculta ao texto crítico certa dose daquela “força criadora” prezada por Carpeaux em seus pares de ofício.

Já nos escritos de Alfredo Bosi a presença de Carpeaux tem-se feito constante, (1978; 1999; 2000; 2013; 2017), incluindo a organização do volume *Sobre letras e artes* (1992), coletânea de textos publicados no suplemento homônimo do periódico carioca *A manhã* que não haviam entrado nos livros lançados por Carpeaux. Leitura obsedante para um então jovem Bosi, os ensaios de Carpeaux, capazes de articular “um diálogo com a historicidade profunda de todas as obras” (1999), exerceram impressão profunda e duradoura no crítico em formação que, anos mais tarde, além de admirador, viria a ser amigo de Carpeaux. É, aliás, em função dessa filiação que o estudo panorâmico de Carpeaux sobre a literatura alemã – publicado originalmente em 1964 pela Cultrix e reeditado em 1994 pela Nova Alexandria, com posfácio de Willi Bolle sobre a literatura produzida entre 1960 e 1990 – foi rebatizado, em sua publicação pela Faro Editorial em 2013, com título semelhante a um dos mais famosos livros de Bosi, *História concisa da literatura brasileira*, obra publicada em 1970 e dedicada ao ensaísta austríaco.

Creio ser justo dizer que Bosi é o crítico que melhor absorveu as ideias e até mesmo parte do método de Carpeaux, denominado por aquele de estilístico-cultural. Além de sua retomada constante em textos que homenageiam o crítico, almejando resgatar seu legado e apresentá-lo a novas gerações, Bosi parece ter subsumido criativamente, por exemplo, a noção de pseudomorfose, utilizada recorrentemente por Carpeaux na *História da literatura ocidental* e em alguns de seus ensaios. Tal noção, que indicia a presença de tensões e desacordos entre os estilos dominantes e as realizações individuais das obras artísticas, estabelece um diálogo vivo com o conceito de resistência constantemente retrabalhado por Bosi, assim como se irmana às suas preocupações referentes ao amear-se entre estilo e ideologia e à profusa gestação de contraideologias no seio das obras literárias.

² Com intuito de evitar a proliferação desnecessária de notas de rodapé e, ao mesmo tempo, ofertar ao leitor uma lista consideravelmente completa dos livros de Otto Maria Carpeaux e de sua fortuna crítica acadêmica, adotamos o sistema autor-data, constando a referência completa nas listas anexas. No caso de referências infensas a este critério, optou-se pela nota de rodapé.

Exemplo expressivo de uma leitura esmerada que procura reposicionar Carpeaux no debate crítico encontra-se em “Por um historicismo renovado”, texto de abertura da primeira edição da *Teresa* (e depois incorporado a *Literatura e resistência*, de 2002), revista publicada há 20 anos e que ao longo deste período ofereceu a seus leitores alguns ensaios de Carpeaux inéditos em livro. Neste ensaio de fôlego, Bosi sugere que o cerne dialético Carpeaux encontra-se na “capacidade de identificar nos grandes textos literários não só a *mimesis* da cultura hegemônica, mas também o seu contraponto que assinala o momento de viragem, o gesto resistente da diferença e da contradição” (2000, p. 32). Além disso, a *História da literatura ocidental* é escrutinada ao lado da coetânea *Formação da literatura brasileira*, de Antonio Candido, como exemplo de um novo sentido de historicidade no qual “a história das expressões simbólicas se abre para dimensões existenciais e culturais múltiplas que não as reduzem à condição de alegorias ideológicas” (p. 47).

Nos programas de pós-graduação, a primeira dissertação de mestrado sobre Carpeaux foi defendida na USP em 1992. *Um diálogo crítico: Otto Maria Carpeaux e as “ciências do espírito”*, de Maria do Carmo Malheiros Waizbort, procura lastrear e compreender a presença do pensamento do filósofo alemão Wilhelm Dilthey na escrita de Carpeaux, contribuindo para o entendimento de que vários termos utilizados pelo crítico de modo aparentemente corriqueiro carregam, na verdade, significados precisos que o diálogo sugerido permite elucidar. A dissertação inclui, ainda, uma breve e importante análise de um texto fundamental para a passagem do Carpeaux das letras para o da política, “*La littérature brésilienne: Du bovarysme à l’engagement*”, publicado em um dossiê sobre o Brasil organizado por Celso Furtado para a importante revista *Les Temps Modernes*, dirigida por Jean-Paul Sartre.³ Por fim, Waizbort oferece uma ótima apresentação biográfica do crítico e um importante levantamento de textos de Carpeaux, esforço evidenciado na assistência editorial prestada pela pesquisadora ao volume *Sobre letras e artes*, mencionado anteriormente.

Por volta desta mesma época, dois pesquisadores estrangeiros também já vasculhavam um pouco do passado europeu de Carpeaux.

³ Por sua importância e desconhecimento pela maior parte dos leitores de Carpeaux, a versão em português deste texto encontra-se disponível nesta edição da *Teresa*. Teço alguns comentários sobre o mesmo em outro artigo também presente nesta edição, intitulado “Situação e presença de um crítico austríaco-brasileiro”.

O vienense Andréas Pfersmann (1988; 1992; 1995; 2014) trouxe importantes informações sobre o posicionamento político e atuação jornalística do então Otto Karpfen, assim como, no Brasil, esmiuçou a polêmica provocada pelo necrológio do escritor francês Romain Rolland, publicado por Carpeaux na *Revista do Brasil*, em dezembro de 1943, que gestou uma campanha contra o crítico que contou, inclusive, com a participação do pensador católico Georges Bernanos, além de Genolino Amado, Dalcídio Jurandir, Guilherme Figueiredo e Carlos Lacerda. Comentando as réplicas e tréplicas entre tais intelectuais, as intervenções defensivas de Álvaro Lins quanto a seu protegido austríaco, certos comentários públicos de Oswald de Andrade e oitiva epistolar de Mário de Andrade, Pfersmann mostra como o *affaire* Carpeaux, em termos literários, acaba por questionar a influência hegemônica da cultura francesa sobre a *intelligentsia* brasileira, que o crítico buscava relativizar a partir de referenciais mais amplos (ingleses, alemães, espanhóis etc.). Já no âmbito político, sua derrisão em face do escritor francês, cujo posicionamento livre e aguerrido diante do nazismo erigia-se em modelo para boa parte dos escritores nacionais, punha em questão as escolhas políticas precedentes de Karpfen-Carpeaux – a opção por um possível austrofascismo vinculado à figura do chanceler Engelbert Dollfuss, de quem Karpfen fora próximo, era aceitável diante da fúria nazista que solapava a autonomia austríaca? – e o qualificava, na visão de Lacerda, como instrumento de discórdia em um momento no qual a unidade da frente antifascista era a mais urgente das prioridades.

O brasilianista suíço Albert von Brunn (1999; 2013), por sua vez, interessou-se pela fuga de Carpeaux da Europa dentro de um contexto mais amplo das ligações dos judeus com o Vaticano. Destrinchando e datando os passos do crítico em seu périplo por Itália, Suíça, Bélgica (onde se fixou temporariamente e publicou textos) e, enfim, Brasil, com suas dificuldades linguísticas e jurídicas especialmente restritivas sobre exilados de língua alemã durante a Segunda Guerra Mundial, a sombra kafkiana avulta a símbolo multifário evidenciado pela presença intermitente do próprio escritor tcheco na vida de Carpeaux (relatada em “Meus encontros com Kafka”), na rigidez dos trâmites burocráticos necessários para sua naturalização e, de forma mais ampla, na passagem das certezas antigas, engastadas na cosmovisão austríaco-católico-barroca, para a experiência e estudo da crise destes valores na literatura, com destaque para as obras do próprio Kafka, além das de Claude Mauriac e Graham Greene.

A virada do século traria uma inusual concentração de pesquisas sobre o crítico, começando pela primeira tese de doutorado a ele dedicada, *Carpeaux e o futuro da crítica*, de Thereza Vicente Vianna, defendida na UERJ em 1999, que procura analisar as posições assumidas por Carpeaux frente à crítica literária geral e brasileira a partir de sua chegada ao Brasil. A autora também se detém nos diálogos possíveis com críticos brasileiros como Antonio Candido e Álvaro Lins (dando destaque à correspondência deste último com Carpeaux), e sopesa a influência de Dilthey e Ortega y Gasset na obra do crítico austríaco.

No ano seguinte, Mauro Ventura defende na USP a sua tese de doutoramento, *Mentalidade barroca e interpretação: a crítica literária de Otto Maria Carpeaux*, convertida em livro que é, até hoje, o único disponível sobre o crítico. Publicado em 2002, *De Karpfen a Carpeaux: formação política e interpretação literária na obra do crítico austríaco-brasileiro* é obra indispensável que, aprofundando as pesquisas de Pfersmann e von Brunn, apresenta com riqueza de detalhes os anos de formação político-intelectual de Otto Karpfen, incluindo análises de livros escritos por ele nesse período. Uma espécie de biografia intelectual, o estudo permite divisar certa continuidade entre a herança cultural habsburga de Karpfen e o faro crítico do ensaísta radicado no Brasil. Tendo o livro como cerne da sua pesquisa, Ventura vem expandindo-a continuamente ao longo das últimas duas décadas, seja para pensar a inserção de Carpeaux no campo do jornalismo cultural da época (2009; 2011; 2012), seja para melhor compreender seus textos europeus (2003; 2008; 2010), ênfase que tem prevalecido em seus estudos mais recentes.

Em 2001, também na USP, Maria Claudete de Oliveira defendeu sua dissertação intitulada *Otto Maria Carpeaux: leitor de poesia brasileira*, na qual procura desvelar uma possível unidade no modo de apreensão dos poetas brasileiros por Carpeaux, enfatizando questões caras ao crítico como a tensão entre poesia pública e privada; o papel restritivo da ideologia; a dimensão expressiva do ato poético, capaz de converter a experiência mais íntima em “emoção articulada”; e uma função imanente à crítica literária, a de tornar o “‘exteresse’ histórico em interesse vital”, como propõe Carpeaux (2018, p. 14) em “O sol de Homero”.

Uma das maiores dificuldades enfrentadas por todos estes pesquisadores refere-se ao estatuto movente e progressivo do corpus de Carpeaux, cuja obra completa ainda está longe de ser compilada. Assim, é recorrente que cada nova pesquisa acabe lançando mão de textos

esquecidos, que adquirem insuspeitado valor à luz da especificidade do recorte adotado. No entanto, a valorização dos ensaios escolhidos e publicados por Carpeaux em seus livros de crítica literária (*A cinza do purgatório*, *Origens e fins*, *Respostas e perguntas*, *Retratos e leituras*, *Presenças e Livros na mesa*, além das coletâneas *Vinte e cinco anos de literatura* e *Reflexo e realidade*) ou política (*O Brasil no espelho do mundo* e *A batalha da América Latina*), permanece como importante baliza crítica a orientar os arcos interpretativos.

ENSAIOS REUNIDOS: UM RECOMEÇO

A publicação dos dois volumes dos *Ensaio reunidos* em 1999 e 2005, pela Topbooks em parceria com a UniverCidade, ajudou a reavivar a difusão e o interesse pela obra de Carpeaux, já que praticamente todas as suas coletâneas de ensaios encontravam-se esgotadas e sem perspectivas de reedição. O volume I reúne os seis primeiros livros de crítica literária de Carpeaux, de *A cinza do purgatório* até *Livros na mesa*, cobrindo o período de – apesar do que indica a capa – 1942 a 1960. Conta ainda com uma longa introdução feita por Olavo de Carvalho, uma brevíssima cronologia, mais de uma dezena de fotos, índice onomástico, além de eventuais notas editoriais e a tradução dos trechos em língua estrangeira citados por Carpeaux, feita por Jorge Wanderley e Bruno Tolentino. O segundo volume, publicado em 2005, contém um belo prefácio do poeta e ensaísta Ivan Junqueira, então presidente da Academia Brasileira de Letras e ex-colega de Carpeaux no labor enciclopédico na década de 1960. Além de relembrar alguns causos de sua convivência com Carpeaux, Junqueira promove um passeio por diversos ensaios do crítico presentes na seleta, destacando como sua característica essencial o anseio de “instigar seus leitores a admitir o conflito perpétuo em que se debate o ser humano e instaurar uma visão de mundo em que todos os valores possam ser confrontados, bem como questionadas todas as regras ou critérios de avaliação estética” (JUNQUEIRA, 2005, p. 29). Junqueira também evidencia a presença de uma inquietação religiosa que influencia o olhar do crítico em suas leituras de Kafka e Dostoiévski, por exemplo, e que passará por um processo progressivo de secularização, a ponto de que “O homem que conheci em 1962 não deixava transparecer nenhum vestígio do catolicismo pelo qual pugnara durante sua juventude vienense” (p. 23). O volume II segue os mesmos padrões do antecessor (embora não ofereça tradução dos textos em língua estrangeira), mas

seu foco são os textos dispersos do crítico, em um arco que vai de 1946 a 1971, reunindo ensaios publicados sobretudo em *O Jornal*, no suplemento *Letras e Artes* e em *O Estado de S. Paulo*, terminando com três introduções/prefácios para obras de Manuel Bandeira, Goethe e Ernest Hemingway. Neste segundo o volume, a edição ficou a cargo de José Mário Pereira (Topbooks), enquanto a pesquisa e estabelecimento de texto foram feitos por Christine Ajuz. O hipotético volume III seria dedicado aos prefácios, introduções e participações do crítico em obras coletivas. Passados quinze anos, tal livro ainda não se materializou.

Com seus dois volumes robustos, de mais de 900 páginas cada, a importância editorial do projeto é inquestionável, seja ao recuperar textos dispersos ou ao rerepresentar Carpeaux a uma nova geração de leitores, estimulando outros esforços editoriais de menor escala, comentados adiante. Cabe, no entanto, ponderar que a qualidade final do produto por vezes deixa a desejar no que se refere à qualidade da impressão do primeiro volume em certas páginas, além de alguns lapsos na tradução de trechos estrangeiros e no estabelecimento dos textos, processo dificultado pela baixa qualidade das cópias dos periódicos disponíveis.⁴ No caso do segundo volume, não parece haver propriamente um recorte crítico quanto ao material selecionado, que parece corresponder a tudo o que foi possível reunir e que não se qualifica como outra modalidade textual (prefácio, introdução etc., apesar das exceções indicadas). Se retomarmos o volume *Sobre letras e artes*, organizado por Alfredo Bosi, veremos que do total de 46 ensaios (sendo que 42 destes não estavam recolhidos em livro naquele momento), *Ensaaios reunidos II* incorporou 41 destes ensaios, deixando de fora, no entanto, o importante “Reflexos do Brasil”, publicado no *Letras e artes* em 14 de setembro de 1947, pertinente, portanto, ao escopo cronológico adotado.

Com o retorno de Carpeaux às livrarias, sua figura passa a ser alvo de disputa ideológica, com acentuado pendor para a atuação de editores, ensaístas e críticos de direita. Tal fato parece ter início com a introdução de Olavo de Carvalho (1999) ao primeiro volume dos *Ensaaios reunidos* e também se deve à sua atuação como um dos idealizadores do projeto e um de seus mais famosos difusores. O longa introdução

4 Como observa Zenir Campos Reis (2002), houve um descuido na transcrição do ensaio “Poesia e ideologia”. A edição atual de *Origens e fins* (Livraria Danúbio, 2018), repete a versão equivocada, mas oferece uma leitura alternativa em nota de rodapé. Esta leitura, no entanto, não condiz perfeitamente com a versão completa proposta por Reis.

perfaz uma abrangente apresentação da vida e obra de Carpeaux, suas referências, vínculos com a época e seu curioso velamento após a morte no meio cultural brasileiro. É possível notar, no entanto, o empenho de Carvalho na construção de uma imagem bastante específica do crítico, valorizando seus ensaios mais antigos, sobretudo os do período 1941-45 – mais próximos, portanto, da herança católico-europeia e temperados, em geral, pela *apoliteia* inspirada pelos escritos do historiador suíço Jacob Burckhardt –, ao passo que a adesão política efusiva à esquerda na resistência à ditadura é vista como decorrente das coerções de um ambiente intelectual predominantemente “esquerdista”, o que acaba por condenar Carpeaux “à progressiva esterilidade intelectual”, cujas consequências danosas seriam a negação de sua missão cultural em paralelo com o silenciamento de quaisquer manifestações religiosas de sua parte (CARVALHO, 1999, p. 68). O tom programático e personalista do texto de Carvalho – porta de entrada de um importante e ambicioso projeto editorial de resgate que, após dois fartos volumes, estacou, mas que parece querer reavivar-se –, tem tido influência considerável na recepção de Carpeaux em um meio bastante específico, o da internet (o *locus* efetivo da atuação de Carvalho), em que a obra do crítico é apresentada como tesouro inalienável de um “cânone esquecido” revelado por Carvalho a seus alunos e cujo custo, como aponta o ensaio de Daniel Salgado (2018) – que vê nessa apropriação de Carpeaux um sintoma de tendências mais amplas e de maior presença no âmbito político atual –, é uma amortização conservadora de uma figura e de uma obra eminentemente fecundas e dialéticas.

A partir destas publicações de monta, a renovação do interesse pela vida e obra de Carpeaux adquire um aspecto importante. Sua presença no âmbito acadêmico, em estudos de maior fôlego, dá-se por investigações de seu perfil estético-político-ideológico, procurando entrever suas contradições – de católico monarquista a ferrenho inimigo da ditadura militar brasileira, que abandona a literatura para se dedicar aos escritos políticos –, o que produz trabalhos de muito interesse. Neste sentido, além dos estudos de Ventura, cabe destacar os trabalhos de Eduardo Gomes Silva (2011; 2014; 2015; 2019a; 2019b), em especial sua tese defendida na UFSC em 2015. *Imagens de Otto Maria Carpeaux: Esboço de biografia* talvez seja o estudo mais completo no que se refere à amplíssima gama documental e iconográfica que evidencia a contínua construção de variadíssimas

figuras de Carpeaux, gestadas tanto por ele mesmo quanto por seus interlocutores, amigos, desafetos e intérpretes acadêmicos. Não constituindo uma tese em sentido unívoco, mas um mosaico de imagens do crítico concebidas a partir vasto levantamento documental atravessado pela montagem criativa do estudioso, a tese faz-se leitura fundamental e generosa para os pesquisadores da obra de Carpeaux.

Parte importante da reconstrução deste perfil do crítico encontra-se em sua atuação jornalística, seja no âmbito de uma prática de mediação cultural, estudada por Tania Franco Carvalhal (1990; 2003), Ventura (2015) e José Eugênio de Oliveira Menezes (2015), ou a partir de um viés mais específico, vinculado aos escritos políticos de Carpeaux, sobretudo o amplo conjunto de textos escritos em resposta ao golpe de 1964. Neste último caso, há estudos dedicados ao grupo de artigos enfeixados no *Correio da Manhã* até seu desligamento do jornal (1964-1966), como as breves reflexões de Alice Koshyama (1989; 1993) e a exploração mais minuciosa de Silva (2015; 2019b), e, também, reflexões sobre o variegado repositório de artigos políticos veiculados pela imprensa alternativa, abordados em parte na tese de Silva e tomados como objeto da tese de doutorado em andamento de Thiago Bicudo Castro, pesquisador da Unicamp, em sua relação com a formação do campo intelectual no período 1964-1968.

No âmbito do exílio e da integração cultural do exilado destacam-se as pesquisas de mestrado e doutorado de Vinícius Bogéa-Câmara (2004; 2010), defendidas na UERJ, em que analisa as estratégias de adaptação e de “modelagem do *self*” efetuadas por Carpeaux diante das condições impostas pelo exílio brasileiro. Se Carpeaux foi o foco exclusivo da dissertação, em sua tese o pesquisador acrescenta o anteparo comparativo da trajetória de Anatol Rosenfeld, outro intelectual de língua alemã que fez do Brasil um novo lar. Ainda em chave semelhante, Maurício Parada (2008a; 2008b; 2015) pesquisa os liames entre a formação de Karpen e as ideias austrofascistas, em franca oposição ao nacional-socialismo; explora as complexidades enfrentadas por Carpeaux em sua incorporação ao contexto brasileiro, tensionada pelos polos do “exílio” e do “compromisso”; e, em perspectiva comparada, detém-se sobre as trajetórias de Carpeaux, Stefan Zweig e Vilém Flusser a partir da ideia de exílio como “deslocamento e crítica”. Já Fábio Koifman (2015) analisa minuciosamente todo o processo de obtenção da cidadania brasileira por Carpeaux, destacando tanto suas singularidades quanto

seu contexto mais amplo, época de cisões ideológicas crescentes. Por fim, Carpeaux comparece de forma brevíssima no recente livro de Peter Burke, *Perdas e ganhos: Exilados e expatriados na história do conhecimento na Europa e nas Américas, 1500-2000*, um ambicioso e conciso esforço de plasmar os múltiplos deslocamentos de corpos e saberes, sugerindo que as contribuições mais efetivas deste imenso contingente de intelectuais em trânsito alicerçam-se em um caminho intermediário entre a assimilação da cultura alheia e sua negação, promovendo “a integração ou síntese de elementos das duas culturas”.⁵

Ainda nesta mesma linha de pesquisa liminar, há que se mencionar o importante projeto internacional “Deutschland-Brasilien: Transkulturelle Dynamiken und transdisziplinäre Essays” [“Alemanha-Brasil: dinâmicas transculturais e ensaios transdisciplinares”], que tinha por objetivo o estudo e divulgação das obras de ensaístas brasileiros vinculados à língua e cultura alemãs, promovido pelo Lateinamerika-Institut da Freie Universität Berlin com o apoio da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas de USP. Coordenado por Ligia Chiappini e contando com a participação dos pesquisadores Marcel Vejmelka, Flávio Aguiar, Leopoldo Waizbort e Jorge de Almeida, o projeto buscou selecionar ensaios de Anatol Rosenfeld, Otto Maria Carpeaux, Sérgio Buarque de Holanda, Antonio Candido, Augusto Meyer, Milton Santos, Mário de Andrade, Vilém Flusser e Vianna Moog, procurando compreender as dinâmicas transculturais inscritas em suas obras, corporificadas em apropriações de modelos literários e teóricos em fluido trânsito entre Europa e Brasil (sobretudo a partir da herança alemã), e eventualmente traduzir alguns destes ensaios para o alemão e publicá-los em uma antologia. Ao longo do projeto, especialistas foram convidados a falar sobre os ensaístas, e entrevistas em vídeo foram feitas com alguns destes estudiosos.⁶ O artigo de Ligia Chiappini (2011) não apenas apresenta o projeto como destaca a importância do gesto crítico de escolher o que cabe ao crítico comentar, divulgar, analisar. Tal crivo perpassa

5 BURKE, Peter. *Perdas e ganhos: exilados e expatriados na história do conhecimento na Europa e nas Américas, 1500-2000*. Tradução de Renato Prelorenzou. São Paulo: Editora Unesp, 2017, p. 24. Eis o que diz Burke sobre Carpeaux: “Otto Maria Carpeaux, vienense que fugiu para o Brasil em 1938, se tornou um dos principais críticos da literatura brasileira e apresentou aos leitores brasileiros muitos dos mais importantes escritores europeus, em especial Franz Kafka e Robert Musil” (p. 37). O leitor interessado encontrará nesta edição da *Teresa* uma excelente resenha do livro, escrita por Mariana Holms.

6 As entrevistas encontram-se disponíveis no site da universidade alemã. No caso específico de Carpeaux, estão disponíveis entrevistas com Antonio Candido, Alfredo Bosi, Albert von Brunn, Boris Schnaiderman e Jacó Ginzburg. Dentre estas, as de Candido e Bosi nos pareceram as mais interessantes. Como a última já havia sido publicada, optamos por transcrever o saboroso depoimento de Candido e incluí-lo nesta edição da *Teresa*.

as noções de estilo, tradição e a própria atuação de Carpeaux como “transculturador”, mediando o que trazer da cultura europeia para os leitores brasileiros (e, reverso da medalha, ao que se dedicar em face da nova literatura que se lhe apresenta), culminando na ideia de que seu pretense abandono da literatura no final dos anos 1960 representava na verdade uma “retomada da tradição do crítico militante e da função pedagógico-política que, perdida na imprensa, ameaça perder-se também na Universidade, porque esta vem se privatizando” (p. 147).

Em uma esfera mais próxima da crítica literária, os estudos de Laio Monteiro Brandão (2014; 2015; 2016), com mestrado defendido na Universidade Federal de Viçosa, discutem o lugar ocupado por Carpeaux no campo da crítica nacional bem como sopesar os entraves constitutivos ao ofício crítico à luz de importantes contribuições de nosso autor. Por sua vez, as pesquisas de Pedro Theobald (2008; 2014; 2018) procuram pensar a presença alemã na *História da literatura ocidental* no contexto de histórias da literatura universal traduzidas ou produzidas no Brasil, o mesmo valendo para *A literatura alemã* dentro do conjunto de livros específicos sobre história desta literatura. Além disso, Theobald também estudou a correspondência de Carpeaux com o intelectual gaúcho Manoelito de Ornellas e a recepção da *HLO* a partir da crítica do período, em especial as avaliações de Wilson Martins. Diante da inegável abrangência de seus interesses literários, este recorte dedicado a refletir sobre a presença de determinada literatura estrangeira nos escritos de Carpeaux – também proposto por Fausto Zamboni (2008) no caso da literatura italiana –, precisa ser continuamente ampliado, restando ainda alguns pontos cegos, como a reflexão crítica sobre seu vasto e dileto cabedal de leituras inglesas, por exemplo.

Outro trabalho de muita relevância é o de Valéria De Marco (2013), que destaca o papel pioneiro de Carpeaux como mediador entre o Brasil e a literatura das duas Espanhas, a peninsular e a exilada. Em artigo breve e prolífico, a pesquisadora põe em evidência a importância do método comparatista de Carpeaux; o interesse profundo do crítico pelo barroco espanhol em conexão íntima com sua herança austríaca; e os vínculos afetivos e pessoais do ensaísta com intelectuais espanhóis exilados como Francisco Ayala, Camilo José Cela e Max Aub, autores então pouco conhecidos no Brasil sobre os quais escreveu. Valéria De Marco ainda oferta a seus leitores um importante ensaio de Carpeaux não compilado em livro sobre o último nome da tríade (“A descoberta de Aub”) e observa

a força da “enunciação militante” do crítico, que deseja dividir com o leitor brasileiro “as múltiplas maneiras de refletir sobre as utopias derrotadas da Espanha, sobre aquele momento especial da História do Ocidente em que, a seu juízo, haviam sido abolidas as fronteiras entre o povo e o intelectual e, sobretudo, entre línguas e países” (p. 328).

LIVROS NA MESA: NOVOS PROJETOS

Em 2007, tem início outro projeto fundamental para a recuperação histórica de Carpeaux e que, quando devidamente mapeado e estudado, poderá corroborar ou retificar seu vasto ciclo de afinidades intelectuais. Em 1979, a Biblioteca Mário de Andrade (SP) adquiriu seu acervo por intermédio da viúva, Helena.⁷ Após um considerável equívoco que dispersou parte das obras adquiridas pela Coleção Geral da biblioteca, buscou-se recompor e recatalogar devidamente o acervo adquirido, que conta hoje com aproximadamente 1.400 livros, além de pacotes com recortes de jornal oriundos de diversos países (em que constam anotações mais ou menos frequentes, feitas geralmente na mesma língua do periódico), marca do perfil *aggiornato* de Carpeaux, que se manifesta igualmente nas intervenções manuscritas presentes nas bibliografias de alguns dos livros do acervo.

A despeito do percurso acidentado e da configuração não raro obtusa e construída de uma “biblioteca final” de escritor – lembremos que Carpeaux perdeu praticamente todos os livros que possuía na Europa –, a consulta ao acervo desvela um leque de relações intelectuais composto pelas dedicatórias dos livros, congregando importantes escritores e críticos brasileiros.⁸ Além disso, nota-se ainda a presença acentuada de importantes obras de referência, como *Mimesis* (Erich Auerbach), *Literatura europeia e Idade Média latina* (Ernst Robert Curtius), *Theory of Literature* (Rene Wellek e Austin Warren) e a diletta *Histoire de la littérature française* (Gustave Lanson), contando esta última com considerável marginália. Quanto ao tamanho relativamente diminuto do

7 Para uma boa apresentação da biblioteca de Carpeaux, ver VENTURA, Mauro. “A biblioteca final: surpresas e revelações”. *Revista da Biblioteca Mário de Andrade*, v. 63, 2007, pp. 26-35.

8 Há dedicatórias, por exemplo, de José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Marques Rebelo, Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Murilo Mendes, Jorge de Lima, João Cabral de Melo Neto, Raul Bopp, Antonio Callado, Tiago de Mello, Álvaro Lins, Gilberto Freyre, Mário da Silva Brito, Paulo Rónai, Alfredo Bosi, Antonio Candido, Lúcia Miguel Pereira, Boris Schnaiderman, Roberto Schwarz, Astrojildo Pereira, Augusto Meyer, Roger Bastide, além da tríade Aurélio, Sérgio e Chico Buarque de Holanda, do crítico de cinema Jean-Claude Bernadet e do escritor espanhol exilado Francisco Ayala. Este número da *Teresa* procurou resgatar a rede de relações afetivas e intelectuais estabelecidas por meio das dedicatórias, compondo uma seleção das mesmas para ilustrar a edição.

conjunto, além do provável fácil acesso a bons acervos nas bibliotecas e acervos em que trabalhou, a limitação de espaço físico também pode ter influenciado a composição compacta da biblioteca, sendo perceptível a inexistência quase completa de duas edições de um mesmo livro, o que faz supor que ao receber versão mais atualizada de determinada obra Carpeaux descartava a anterior.

Além da biblioteca, outro importante conjunto documental encontra-se salvaguardado pela Fundação Casa de Rio Barbosa (Rio de Janeiro), em seus Arquivos Pessoais de Escritores Brasileiros. Contemplando correspondência passiva e ativa (com destaque para o diálogo com Carlos Drummond de Andrade), alguns poucos documentos pessoais (entre eles, a certidão de naturalização brasileira, assinada por Getúlio Vargas) e manuscritos (“Três horas em Praga” e “Uma história do pensamento filosófico”, por exemplo), convites de formatura em que atuou como paraninfo, e parte de sua produção na imprensa, o conjunto é relativamente modesto e não apresenta certos tipos documentais comuns como diários e cadernetas. Doada por Helena Carpeaux após a morte do marido, a coleção também inclui parte da correspondência pessoal da viúva e o estatuto da “Sociedade Otto Maria Carpeaux”, fruto de um desejo de Helena, que encontrou apoio nos amigos Drummond, Antônio Callado, Antônio Houaiss, Mauro Gama, entre outros, e que tinha por objetivo gerir os direitos das obras de Carpeaux e publicar suas obras completas, almejando preservar e difundir seu legado.⁹

Movidos pelo empuxo dos *Ensaio reunidos*, outros livros do crítico foram publicados por aqui a partir de 2000: *Ouro Preto* (2000); a reedição da *História da literatura ocidental* (2008, pela Biblioteca do Senado; 2011 e 2012 pela Leya, em formatos diversos); *A história concisa da literatura alemã* (Faro Editorial, 2013); *Caminhos para Roma: aventura, queda e vitória do espírito* (Vide, 2014; seu segundo livro, publicado na Áustria em 1934); a seleta *O canto do violino e outros ensaios inéditos* (2016) e as reedições de *A cinza do purgatório* (2015), *Origens e fins* (2018) e *Respostas e perguntas* (2019), estes quatro últimos publicados pela Livraria Danúbio Editora.

A reedição da *História da literatura ocidental*, lançada em quatro volumes em 2008 pela editora do Senado Federal – que tinha como

⁹ Para maiores informações sobre o acervo na Fundação Casa de Rui Barbosa e os bastidores da “Sociedade Otto Carpeaux”, ver o estudo de Eduardo Gomes Silva (2015, pp. 293-294), do qual nos valem para compor este parágrafo.

vice-presidente do conselho editorial Joaquim Campelo Marques, da editora Alhambra, que publicara a segunda edição da obra entre 1978-1984 –, traz uma apresentação de Ronaldo Costa Fernandes e uma série de paratextos, abrangendo o plano completo da obra; dedicatória de Carpeaux a Campelo Marques; trechos da primeira edição excluídos da segunda; reprodução de páginas da primeira edição alteradas pelo autor; os prefácios das duas edições anteriores; fotos das capas destas edições e do próprio autor; e “O artigo sobre os prefácios”, recolhido em *Ensaio reunidos II*, totalizando mais de 140 páginas preambulares. Este excesso de material adicional, no entanto, parece buscar compensar a ausência de um projeto editorial mais definido, com notas de edição e, sobretudo, a tradução dos inúmeros trechos nas mais diversas línguas estrangeiras mobilizados por Carpeaux no decorrer da obra, algo absolutamente necessário para a fruição de potenciais novos leitores. Em 2011, o mesmo projeto foi reimpresso pela editora Leya em parceria com a Livraria Cultura, em uma caixa com quatro volumes, e, em 2012, em dez pequenos volumes, vendidos em conjunto ou separados e sem o abundante material adicional. O retorno da *HLO* às prateleiras em múltiplos formatos é sem dúvida importante, mas, para além do fato de a Leya ter essencialmente reimprimido a edição do Senado – sem qualquer alteração no projeto editorial de Achilles Milan Neto (citado na página de créditos), cedido à Leya por Campelo Marques, causando justas reclamações de favorecimento editorial¹⁰ –, a necessidade de uma edição crítica da obra, com novo estabelecimento de texto, atualizações bibliográficas, tradução das citações em língua estrangeira e notas de edição capazes de integrar a obra ao conjunto dos escritos de Carpeaux, faz-se cada vez mais urgente.

Notáveis também são os contínuos esforços da Livraria Danúbio Editora, que, além de Carpeaux, possui em seu catálogo obras de Miguel de Unamuno, Hilaire Belloc e Nikolai Berdiaev, entre outros. Em 2016 a editora lançou *O canto do violino*, uma seleta de 26 ensaios inéditos em livro vinculados à temática musical, abrangendo ensaios propriamente musicais, breves biografias de compositores e ensaios “literário-musicais”, em que a arte literária ilumina a musical e vice-versa. Os ensaios, extraídos dos periódicos *Correio da Manhã* (RJ), *Letras e*

¹⁰ A história deste imbróglio editorial, incluindo a proximidade de Campelo Marques com José Sarney, presidente da Editora do Senado e com livros publicados pela Leya, pode ser lida na reportagem de Murilo Ramos, “Uma história da esperteza editorial”. *Revista Época*, 09 jan. 2012.

Artes (Suplemento do *Diário Carioca*), *Diário do Paraná*, *Diário de Pernambuco* e *Jornal de Notícias* (SP), compõem um arco de dez anos, publicados originalmente entre 1948 e 1958. Com coordenação editorial de Diogo Fontana e edição de Eduardo Zomkowski, o livro apresenta abundantes notas editoriais, indicando referências e edições, tradução das citações em língua estrangeira e um apêndice listando os músicos abordados nos ensaios e breves dados biográficos dos mesmos. Além disso, o volume conta com prefácio e notas do regente e musicólogo Dante Mantovani, atualizando bibliografias, esclarecendo trechos e conceitos musicais ou mesmo refutando certas passagens dos ensaios de Carpeaux. Tanto a “Nota do Editor”, assinada por Zomkowski, quanto o Prefácio de Mantovani ecoam a visão expressa na introdução de Olavo de Carvalho para os *Ensaaios reunidos I* quanto à decadência intelectual de Carpeaux vinculada às escolhas políticas de seus últimos anos, daí a opção restritiva por selecionar ensaios anteriores à década de 1960.

Zomkowski e Fontana também editaram uma nova edição de *A cinza do purgatório* (2015), corrigindo deslizes das edições anteriores, destacando usos idiossincráticos de um Carpeaux que ainda estava a dominar o idioma, reparando algumas incorreções do crítico quanto a nomes de autores/obras e noticiando certos usos menos literais feitos pelo mesmo em citações. Assim como em *Ensaaios reunidos I*, as citações em língua estrangeira não inteligíveis por contexto imediato foram traduzidas (por Fontana, Wladimir Saldanha, Guilherme Zomkowski e Ronaldo Bohlke), sinalizando discordâncias com a versão anterior quando necessário. A reedição de *Origens e fins* (2018), seguindo as mesmas diretrizes, coube a Diogo Fontana e Jefferson Bombachim, que também traduziram as citações em língua estrangeira, com exceção dos poemas, traduzidos por Wagner Schadek. Por fim, *Respostas e perguntas* (2019), também editado por Fontana e Bombachim, segue o mesmo padrão, não havendo, no entanto, “Nota do Editor”, além da presença de certos problemas de revisão que atrapalham um pouco a leitura.

A retomada individual dos livros de Carpeaux levada a cabo pela Livraria Danúbio Editora permite uma melhor compreensão das fases e circunstâncias do pensamento do crítico, de seu crivo autoral na seleção dos ensaios, além de um delineamento mais preciso do escopo de suas referências na composição de cada uma destas obras, facilitado pela presença de índices onomásticos individuais. Justamente por isso, penso que faz falta nestes volumes uma boa introdução crítica capaz de

posicioná-los dentro do escopo da obra de Carpeaux, ponderando sua recepção imediata, certas recorrências temáticas e o alcance crítico de seus ensaios mais fecundos.

Além das publicações da Danúbio referidas acima, cabe destacar a atuação de Eduardo Zomkowski como um dos mais atilados pesquisadores e propagadores da obra de Carpeaux no âmbito extrauniversitário, sendo responsável pelo vasto projeto “Otto Maria Carpeaux: obra dispersa”, que procura disponibilizar textos pouco conhecidos do crítico por meio da plataforma medium e pela página homônima no facebook. Mais recentemente, Zomkowski fundou a editora Karpfen, que se encontra no processo de edição de seu primeiro livro, *A literatura russa através dos contos (Vol. 1 – De Púchkin a Tolstói)*, primeira de duas partes que reúnem os prefácios escritos por Carpeaux para a *Antologia do conto russo* publicada pela Editora Lux entre 1961 e 1962.

Ponto fora da curva, o final de 2017 trouxe a boa-nova da tradução para o francês de excertos da *História da literatura ocidental*, no caso, o capítulo x dedicado ao século XX, a introdução geral da obra e seu epílogo. Com tradução e edição do brasileiro Luiz Eduardo Prado de Oliveira, professor da Universidade Paris-7, *Histoire de la littérature occidentale au XXe siècle: Extraits*, lançado pela editora L’Harmattan, é verdadeiro marco, dinamizando um possível retorno de Carpeaux a seu berço formativo e reivindicando, se pensarmos que seus primeiros textos produzidos no Brasil eram originalmente escritos em francês e depois traduzidos, uma curiosa simetria *post mortem*. Em sua breve apresentação do livro, Oliveira, que conviveu ativamente com Carpeaux em redações de jornal, diz que a tradução busca não apenas prestar tributo ao crítico como também tirá-lo do isolamento do português brasileiro, promovendo, ainda que de forma tardia, o encontro entre o leitor europeu e a obra civilizatória de Carpeaux: “A *História da literatura ocidental* de Carpeaux testemunha que a cultura sobreviveu aos nazistas; esta tradução dá testemunho hoje de que ela sobreviveu aos militares, mesmo que permaneça ameaçada no Brasil” (OLIVEIRA, 2017, p. 11. Tradução nossa).

Se no Brasil Carpeaux não se isentou de polêmicas, no final de 2015, um artigo de Bruno Gomide, professor de Língua e Literatura Russa da USP, lançou uma suspeita de plágio efetuada por Carpeaux em seu artigo “Rússia sacra” (1941), no qual teria se apropriado em vasta medida de “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, famosíssimo

ensaio de Walter Benjamin de 1936. Como seria de se esperar, a alegação causou certo rebuliço entre os admiradores do austríaco-brasileiro, sobretudo porque haveria um precedente, assinalado no livro de Ventura, em um ensaio sobre o contista norte-americano Thorton Wilder, intitulado “Ponte Grande”. No caso deste, o furto seria sumário, atribuível a algum breve esquecimento (reforçado por algumas incorreções) e, além disso, constituiria, em certa medida, uma leitura benjaminiana de Wilder. Mas “Rússia sacra” não parece comportar tais nuances, a começar pela identidade entre seus objetos.

Embora acredite que o caso seja bem mais complexo do que parece, com fortes indícios de que os escritores se conheciam,¹¹ uma avaliação objetiva não parece deixar muitas dúvidas sobre o aproveitamento não nomeado de Benjamin por Carpeaux neste texto. Se confirmado – e tal questão demanda apuração urgente,¹² exigindo uma leitura atenta da presença direta e indireta de Benjamin na obra de Carpeaux –, a mancha da suspeição passará a rondar boa parte de sua produção. Mas, assim como Gomide, creio que há uma exceção irrevogável: a leitura atenta e original de Carpeaux em face da literatura brasileira, tanto a do passado como a que germinava sob seus olhos. E é justamente essa leitura, pelo filtro específico do romance brasileiro, que move minha pesquisa de doutorado, iniciada em 2018 na USP e que ousou incluir nesse sempre provisório levantamento da fortuna crítica de Carpeaux.

*

É inegável que os últimos anos testemunharam uma renovação de interesse pela vida e obra de Carpeaux, ainda tão pouco conhecidas entre nós. E este interesse demanda ampliação, seja coligindo e tornando disponível sua infinda obra dispersa (tanto em edições temáticas, preparadas por especialistas, quanto por meio de uma disseminação mais ampla a partir de um banco de textos digital, por exemplo), seja refletindo sobre as múltiplas nuances de seu pensamento crítico, literário e político.

11 Ver GRÜNEWALD, José Lino. “Eruditos e eruditos”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 28 set. 1963; CASTRO, Ruy. “Amigos e ideias”. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 26 ago. 2016.

12 Além da reedição dos textos da antologia russa, a editora Karpfen também está preparando um estudo, escrito por Eduardo Zomkowski e Wladimir Saldanha, que se debruça sobre as relações de Walter Benjamin e Carpeaux com o conceito de “narrador”, a ser incluído em livreto separado que também oferecerá aos leitores o artigo “Rússia sacra”, de Carpeaux, e o ensaio de Boris Eikhenbaum, “Leskov e a prosa contemporânea”, uma possível fonte do texto benjaminiano.

Em 2019, completaram-se 80 anos da chegada de Carpeaux ao Brasil. Em 2020, celebramos 120 anos de seu nascimento. Apesar das efemérides que regem as comemorações do mercado literário, pouco se fala de Carpeaux. Diante da acentuada polarização ideológica, do recrudescimento do autoritarismo, do desrespeito à autonomia universitária e do desprezo pelo pensamento crítico que temos vivenciado, esta edição da *Teresa* – salvo engano a primeira revista acadêmica a dedicar-lhe um dossiê – entende que é hora de avivar seu legado e retomar sua lição. É certo que Carpeaux não se calaria diante desses despropósitos. Que possamos voltar a ouvir sua voz – forte, incisiva, ensaística – a partir de seus próprios textos, sem mediações oportunistas. Que possamos, enfim, reaver algo de sua *presença*, que muito nos faz falta. É tempo de ler Otto Maria Carpeaux.

LIVROS DE OTTO MARIA CARPEAUX

Publicados na Europa (incluindo pseudônimos)

KARPFEN, Otto Maria. *Wege nach Rom – Abenteuer, Sturz und Sieg des Geistes*. Wien: Reinhold-Verlag, 1934.

FIDELIS, Otto Maria. *Österreichs europäische Sendung – Ein außenpolitischer Überblick*. Wien: Reinhold-Verlag, 1935.

WIESINGER, Leopold. *Van Habsburg tot Hitler*. Antwerpen: Uitgeverij Orbis, 1938

Publicados no Brasil¹³

A cinza do purgatório. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1942.

Origens e fins. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1943.

Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação do MEC, 1951.

Respostas e perguntas. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, Serviço de Documentação 1953.

Retratos e leituras. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira. Rio de Janeiro:

¹³ A lista contempla todas as edições das obras de Carpeaux publicadas no Brasil, com exceção da *Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira* e *Uma nova história da música* (por vezes intitulada *O livro de ouro da história da música: da Idade Média ao Século xx*), as duas obras mais republicadas do crítico. No caso destas, ainda não foi possível cotejar todas as edições e reimpressões a fim de estabelecer a cronologia correta de publicação. Apesar de tais republicações, os dois livros não se encontram atualmente disponíveis em livrarias.

Ministério da Educação e Cultura, Serviço de Documentação, 2ª edição revista e aumentada, 1955.

Uma nova história da música. Rio de Janeiro: Zahar, 1958.

Presenças. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Instituto Nacional do Livro, 1958.

História da literatura ocidental. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1959-1966, em 8 volumes.

Livros na mesa. Rio de Janeiro: São José, 1960.

A literatura alemã. São Paulo: Cultrix, 1964.

Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira. Rio de Janeiro: Editora Letras e Artes, 3ª edição revista e aumentada, 1964

O Brasil no espelho do mundo: crônicas de política internacional e nacional. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

A batalha da América Latina. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

Pequena Bibliografia Crítica da Literatura Brasileira. Rio de Janeiro: Ediouro, 4ª edição, 1967.

Uma nova história da música. Rio de Janeiro: José Olympio, 2ª edição revista e aumentada, 1967.

A literatura grega e o mundo romano. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1968 [Corresponde aos Capítulos I e II da Parte I da *História da literatura ocidental*].

As revoltas modernistas na literatura. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1968. [Corresponde ao Capítulo I da Parte x da *História da literatura ocidental*].

Tendências contemporâneas da literatura: um esboço. Rio de Janeiro: Ediouro, 1968 [Corresponde ao Capítulo II da Parte x da *História da literatura ocidental*].

Vinte e cinco anos de literatura. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

Hemingway: tempo, vida e obra. Rio de Janeiro: Editorial Bruguera; INL, 1971.

Uma nova história da música. Rio de Janeiro: Alhambra, 3ª edição revista e atualizada, 1977.

Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira. Apêndice de Assis Brasil. Rio de Janeiro: Editora Letras e Artes, 5ª edição, 1978.

Alceu Amoroso Lima por Otto Maria Carpeaux. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

Reflexo e realidade. Seleção e prefácio de Sebastião Uchoa Leite. Rio de Janeiro: Fontana, 1978.

História da Literatura Ocidental. Rio de Janeiro: Alhambra, 2ª edição revista e atualizada, 1978-1984, em 8 volumes.

Sobre letras e artes. Seleção e prefácio de Alfredo Bosi. São Paulo: Nova Alexandria, 1992.

A literatura alemã. Posfácio de Willi Bolle. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

Ensaio reunidos – Vol. I (1942-1978). Organização, introdução e notas de Olavo de Carvalho. Rio de Janeiro: Topbooks; UniverCidade, 1999.

Ouro Preto: as sete cidades do ouro. Belo Horizonte – Rio de Janeiro: Editora Itatiaia, 2000.

O livro de ouro da história da música: da Idade Média ao século XX. Rio de Janeiro: Ediouro, 4ª edição, 2001.

Ensaio reunidos – Vol. II (1946-1971). Prefácio de Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Topbooks; UniverCidade, 2005.

História da literatura ocidental. Brasília: Senado Federal, 3ª edição, 2008, em 4 volumes.

História da literatura ocidental. São Paulo: Leya, 3ª edição, 2011, em 4 volumes.

História da literatura ocidental. São Paulo: Leya, 3ª edição, 2012, em 10 volumes.

História concisa da literatura alemã. Posfácio de Willi Bolle. São Paulo: Faro Editorial, 2013.

Caminhos para Roma: aventura, queda e vitória do espírito. Tradução de Bruno Mori. Campinas: CEDET; Vide Editorial, 2014.

A cinza do purgatório: ensaios. Balneário Camboriú, Livraria Danúbio Editora, 3ª edição, 2015.

O canto do violino e outros ensaios inéditos. Balneário Camboriú: Livraria Danúbio, 2016.

Origens e fins: ensaios. Balneário Camboriú: Livraria Danúbio, 3ª edição, 2018.

Respostas e perguntas. Balneário Camboriú: Livraria Danúbio, 3ª edição, 2019.

A literatura russa através dos contos. Volume 1: De Púchkin a Tolstói. Curitiba: Editora Karpfen, 2020.

Traduções de textos de Carpeaux publicados no exterior

CARPEAUX, Otto Maria. La littérature brésilienne: Du bovarysme à l'engagement. *Les Temps Modernes*, n. 257, Paris, Gallimard, octobre 1967.

CARPEAUX, Otto Maria. Dialektik der brasilianischen Literatur. In: FURTADO, Celso. *Brasilien Heute*, Athenaeum Verlag, 1971.

CARPEAUX, Otto Maria. *Histoire de la littérature occidentale au XXe*

siècle: extraits (1920-1980). Précedé d'une Introduction à l'histoire du temps et de l'histoire en littérature. Traduction et édition de Luiz Eduardo Prado de Oliveira. Avec la collaboration de Hélène Schmitt et Jean-Claude Pons. Paris: L'Harmattan, 2017.

Estudos acadêmicos sobre Otto Maria Carpeaux¹⁴

BOSI, Alfredo. "Otto Maria Carpeaux: A dignidade das letras". *Leia Livros*, São Paulo, 15 set. 1978. Republicado como "Carpeaux e a dignidade das letras". *Céu, inferno: ensaios de crítica literária e ideológica*. São Paulo: Editora 34, 2010, pp. 279-282.

_____. "Relendo Carpeaux". In: CARPEAUX, Otto Maria. *Sobre letras e artes*. Seleção e prefácio de Alfredo Bosi. São Paulo: Nova Alexandria, 1992, pp. 9-13.

_____. Orelha. In: CARPEAUX, Otto Maria. *Ensaio reunidos – VOL. I (1942-1978)*. Organização, introdução e notas de Olavo de Carvalho. Rio de Janeiro: Topbooks; UniverCidade, 1999.

_____. "Por um historicismo renovado". *Teresa – revista de literatura brasileira*, n. 1, 2000, pp. 9-47. Republicado em: *Literatura e resistência*. São Paulo: Cia das Letras, 2002, pp. 7-53.

_____. "Sobre Otto Maria Carpeaux". In: *Entre a literatura e a história*. São Paulo: Editora 34, 2013, pp. 405-421.

_____. "Relendo Carpeaux". In: *Três leituras*. Machado, Drummond, Carpeaux. São Paulo: Editora 34, 2017, pp. 61-81.

BOGÉA-CÂMARA, Vinicius. *Otto Maria Carpeaux: exílio, adaptação e modelagem do self no Novo Mundo*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Estudos Sociais e Políticos, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

_____. *Prismas do exílio: trajetória intelectual e modelagem do self em Anatol Rosenfeld e Otto Maria Carpeaux*. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Estudos Sociais e Políticos, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

¹⁴ Buscou-se compilar nesta lista o atual estado da fortuna crítica acadêmica de Carpeaux, abrangendo teses, dissertações, capítulos de livro, artigos, apresentações de ensaios "inéditos" e eventualmente textos de jornal que me pareceram imprescindíveis. A lista não se refere ao vasto corpus jornalístico escrito sobre Carpeaux desde sua chegada ao país, que ainda precisa ser devidamente mapeado. O objetivo aqui foi o de acompanhar o surgimento da obra de Carpeaux como objeto de estudo universitário, fenômeno que tem início a partir dos anos 1990. A lista não inclui os artigos que compõem esta edição da *Teresa*.

BRANDÃO, Laio Monteiro. “O método de Otto Maria Carpeaux e a crítica literária brasileira”. *Primeira Escrita*, v. 1, 2014, pp. 61-76.

_____. ; SIQUEIRA, Joelma Santana. “Ensaio Reunidos: as contribuições de Otto Maria Carpeaux para a crítica literária e jornalismo cultural”. *Memento (Três Corações)*, v. 6, 2015, pp. 1-12.

_____. *Carpeaux no espelho do Brasil: perspectivas para uma leitura crítica da literatura brasileira*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2016.

BRUNN, Albert von. “Otto Maria Carpeaux: eine kafkaeske Fluchtaus Europa”. In: *Dulce et decorum est philologiam colere – Festschrift für Dietrich Briesemeister zuseinem65. Geburtstag*. Berlin: Domus Editoria Europaea, 1999.

_____. “Uma fuga kafkiana da Europa”. *Rascunho*, n. 157. Curitiba, mai. 2013, pp. 12-13.

CANDIDO, Antonio. “Última nota”. *Folha da Manhã*. São Paulo, 28 mai. 1944.

_____. “Dialética apaixonada”. *Leia Livros*, ano II, n. 3, 1979. Republicado em: *Recortes*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004, pp. 98-106.

CARVALHAL, Tania Franco. “A intermediação da memória: Otto Maria Carpeaux”. In: *Anais do II Congresso ABRALIC*. Belo Horizonte, UFMG, v. 1, 1990, pp. 85-95.

_____. “Memória e discurso da mediação”. In: *O próprio e o alheio: ensaios de literatura comparada*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003, pp. 185-202.

CARVALHO, Olavo de. “Introdução a um exame de consciência”. In: CARPEAUX, Otto Maria. *Ensaio reunidos – Vol. I (1942-1978)*. Organização, introdução e notas de Olavo de Carvalho. Rio de Janeiro: Topbooks; UniverCidade, 1999, pp. 15-69.

CHIAPPINI, Ligia. “Alemanha-Brasil: dinâmicas transculturais e ensaios transdisciplinares. Otto Maria Carpeaux, a superação do exílio pela transculturação”. *Antares*, n. 5, jan.-jun. 2011, pp. 132-149.

COLFFIELD, Carol. “Otto Maria [Karpfen] Carpeaux”. In: Maria Luiza Tucci Carneiro; Rachel Mizrahi. (Org.). *Vozes do Holocausto I - Histórias de Vida*. 1ª ed. São Paulo: Maayanot, 2017, v. 1, pp. 91-112.

_____. “Otto Maria Carpeaux: O que não pôde ser dito”. *Cadernos de Língua e Literatura Hebraica*, v. 15, 2018, pp. 145-154.

FERNANDES, Ronaldo Costa. “História da literatura ocidental: a obra monumental de Otto Maria Carpeaux” In: CARPEAUX, Otto Maria. *História da literatura ocidental*. 3. ed. [reimpressão], São Paulo: Leya, 2011, v. 1, pp. XIX-XXXVI.

- FILHO, Mário Zeidler. “Os livros perdidos de Otto Maria Carpeaux”. *Opção*, 4 nov. 2018.
- GOMIDE, Bruno Barreto. “Carpeaux e Benjamin: uma recepção contrafeita”. *Cadernos Benjaminianos*, v. 10, 2015, pp. 3-20.
- JASINSKI, I. C. “Descaminos en Brasil: Francisco Ayala y Otto Maria Carpeaux”. In: SÁNCHEZ TRIGUEROS, Antonio; VÁZQUEZ MEDEL, Manuel Ángel. (Org.). *Francisco Ayala y América*. 1ª ed. Sevilla: Alfar, 2006, pp. 73-87.
- JUNQUEIRA, Ivan. “Mestre Carpeaux”. In: CARPEAUX, Otto Maria. *Ensaaios reunidos – Vol. II (1946-1971)*. Prefácio de Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Topbooks; UniverCidade, 2005, pp. 17-45.
- KESTLER, Izabela Maria. *Die Exilliteratur und das Exil der deutschsprachigen Schriftsteller und Publizisten in Brasilien*. Frankfurt am Main: Lang, 1992.
- _____. *Exílio e literatura: escritores de fala alemã durante a época do nazismo*. Tradução de Karola Zimber. São Paulo: Edusp, 2003.
- KOIFMAN, Fábio. “Cidadão carioca: a naturalização de Otto Maria Carpeaux”. *Intellèctus*, ano XIV, n. 2, 2015, pp. 169-188.
- KONDER, Leandro. “Otto Maria Carpeaux (1900-1978)”. In: *Intelectuais brasileiros e Marxismo*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1991, pp. 59-64.
- KOSHIYAMA, Alice Mitika. “Otto Maria Carpeaux e o jornalismo liberal do *Correio da Manhã* (1964-1966)”. *Ciência e Cultura* [s. n.], 1989.
- _____. “Otto Maria Carpeaux e o *Correio da Manhã*”. *Anuário Brasileiro de Pesquisa em Jornalismo*, v. 2, 1993, pp. 119-123.
- LEBENSZTAYN, Ieda. “Graciliano Ramos, por Otto Maria Carpeaux: 120 anos, homenagem em dobro”. *Estudos Avançados (USP)*, v. 26, 2012, pp. 237-242.
- _____. Da tradição crítica: Otto Maria Carpeaux. *Machado de Assis em linha*, São Paulo, v. 9, n. 119, dezembro 2016, pp. 3-10.
- MANTOVANI, Dante. “Prefácio”. In: CARPEAUX, Otto Maria. *O canto do violino e outros ensaios inéditos*. Balneário Camboriú: Livraria Danúbio, 2016, pp. 5-8.
- MARCO, Valéria De. “Carpeaux: mediador entre a literatura das ‘duas Espanhas’ e o Brasil”. *Estudos Avançados* 27 (77), São Paulo, 2013, pp. 319-332.
- MENEZES, J. E. O. “Carpeaux: o jornalista como mediador cultural”. In: SILVA, C. E. L.; MELO, J. M.; GOBBI, M. C.; MORAIS, O. J. (Orgs.). *Ciências da Comunicação no Brasil - 50 anos - Histórias para contar*. Volume 3. 1ª ed. São Paulo: FAPESP / INTERCOM / Unesp, 2015, v. 3, pp. 339-345.

_____.; VENTURA, Mauro Souza. “Música de câmara, cultura do ouvir e compreensão: contribuições de Otto Maria Carpeaux e Vilém Flusser”. In: KUNSCH, D. A.; PASSOS, M. Y.; KLAUTAU, C. M.; MACHADO, P. S.; FERNANDES, P. E.; ABIB, T. (Org.). *Pensar com o signo da compreensão*. 1ª ed. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo – UMESP, 2019, v. 1, pp. 115-130.

OLIVEIRA, Luiz Eduardo do Prado de. “Une brève amitiè si longue”. In: CARPEAUX, Otto Maria. *Histoire de la littérature occidentale au xx.e siècle: extraits (1920-1980)*. Précedé d’une Introduction à l’histoire du temps et de l’histoire en littérature. Traduction et édition de Luiz Eduardo Prado de Oliveira. Avec la collaboration de Hélène Schmitt et Jean-Claude Pons. Paris: L’Harmattan, 2017, pp. 5-11.

OLIVEIRA, Maria Claudete de Souza. *Otto Maria Carpeaux: leitor de poesia brasileira*. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

PAGANINI, Nilze. *Revista Tendência: à procura de uma tradição, à procura do novo*. Tese (Doutorado em Literaturas de Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

PARADA, Maurício Barreto Alvarez. “Das cinzas ao paraíso: o fascismo austríaco e a trajetória de Otto Maria Carpeaux”. In: _____. (Org.) *Fascismos: conceitos e experiências*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008a, v. 1, pp. 259-269.

_____. “Outro retrato do Brasil: cultura e história da obra crítica de Otto Maria Carpeaux”. In: *VI Congresso Nacional de História da Mídia*, 2008b, Niterói. 200 anos de mídia no Brasil: historiografia e tendências, 2008b, v. 1, p. 45-53.

_____. “Reinvenções de si: o exílio como deslocamento e crítica”. *Projeto História* (online), v. 53, 2015, pp. 88-120.

PELLISSARO, Bárbara Rosa. *Do nobre ao soviète: “Antologia do conto russo”*, Editora Lux Ltda. Dissertação (Mestrado em Literatura e Cultura Russa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), Universidade de São Paulo, 2013.

PFERSMANN, Andreas. “Exiland Brasilien: Aperçu zur literarischen Emigration”. In: STADLER, Friedrich (Hrsg.): *Vertriebene Vernunft: Emigration und Exil österreichischer Wissenschaftler*, v. 2, Wien: Jugend & Volk, 1988, pp. 1012-16.

_____. *Incipit Hitler*. “Un idéologue, un romancier et un polémiste autrichiens face aux débuts du 3e Reich”. In: Félix KREISSLER (dir.).

L'Autriche 1867-1938. Naissance d'une identité culturelle (Études Autrichiennes publiées par le Centre d'Études et de Recherches Autrichiennes/ Publications de l'Université de Rouen n° 178). Rouen : PUR, 1992, pp. 97-106

_____. "Otto Maria Carpeaux". In: DOUER, Alisa; SEEBER, Ursula (Orgs.). *Qué lejos está Viena. Latinoamérica como lugar de exilio de escritores y artistas austríacos*. Viena: Centro de Documentación de la Literatura Austríaca Moderna [Zirkular], 44, março de 1995.

_____. "Otto Maria Carpeaux, Romain Rolland et le modèle français. Une controverse politico-littéraire dans le Brésil des années 1940". *Remate de males*, n. 341. Campinas, jan/jun 2014, pp. 221-234.

REIS, Zenir Campos. "Contra o esquecimento. Apresentação do ensaio de Otto Maria Carpeaux 'Teatro e estado do Barroco'". *Estudos Avançados*, São Paulo, set. 1990, pp. 9-15.

_____. "Um ensaio quase esquecido. Apresentação do ensaio de Otto Maria Carpeaux 'Formas do romance'". *Literatura e Sociedade*, São Paulo, v. 1, pp. 112-113, 1996.

_____. "Um começo: *Ensaio reunidos*, de Otto Maria Carpeaux". *Teresa – revista de literatura brasileira*, n. 3, 2002, pp. 290-295.

SALGADO, Daniel. Transgressão à direita. *Serrote*, n. 30, 2018.

SILVA, Ademir Luiz da. "O maior dos escritores de segunda ordem: a polêmica crítica Carpeaux e Mann". *Via Litterae*, v. 2, 2011, pp. 513-526.

SILVA, Eduardo Gomes. "'Reacionário' ou 'progressista'? A disputa acadêmica e editorial em torno da memória de Otto Maria Karpfen/Carpeaux". In: *Anais do XXVI Simpósio Nacional da ANPUH*. São Paulo: ANPUH-SP, 2011, v. 1, 2011, pp. 1-15.

_____; WIJK, Flavio Braune. "Imagens possíveis: Karpfen, Carpeaux, Ouro Preto". *Domínios da Imagem*, v. 7, 2014, pp. 131-148.

_____. *Imagens de Otto Maria Carpeaux: esboço de biografia*. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

_____. "O esboço como exercício biográfico ou Otto Maria Carpeaux, biógrafo". *Tempo e Argumento*, v. 11, 2019a, pp. 340-358.

_____. "O frentismo cultural e a resistência à ditadura militar brasileira. Os exemplos-limite do *Correio da Manhã* e de Otto Maria Carpeaux". *Diálogos* (On-line), v. 23, 2019b, pp. 213-239.

THEOBALD, Pedro. *Formas e tendências da historiografia literária: o caso da literatura alemã no Brasil*. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

_____. “Cartas e bilhetes de Otto Maria Carpeaux a Manoelito de Ornellas: filamentos de uma rede de relações intelectuais”. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 49, n. 2, abr.-jun. 2014, pp. 138-144.

_____. “A História da literatura ocidental de Otto Maria Carpeaux e a crítica de Wilson Martins”. *Letrônica*, Porto Alegre, v. 11, n. esp. (supl. 1), set. 2018, pp. 140-145.

VEJMEJKA, Marcel. “Dialektik der brasilianischen Literatur-kulturelle Aneignung und Vermittlung bei Otto Maria Carpeaux”. In: *Martius-Staden-Jahrbuch*, nº. 53 (Orgs. Rainer Domschke, Eckhard E. Kupfer, Renata S. G. Kutschat, Martina Merklinger, Joachim Tieman), 2006, pp. 265-284.

VENTURA, Mauro Souza. *Mentalidade barroca e interpretação: a crítica literária de Otto Maria Carpeaux*. Tese (Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), Universidade de São Paulo, 2000.

_____. *De Karpfen a Carpeaux: Formação política e interpretação literária na obra do crítico austríaco-brasileiro*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2002.

_____. “Otto Maria Carpeaux e a missão europeia da Áustria”. *Conexão*, Caxias do Sul, v. 1, n.2, 2003, pp. 55-70.

_____. “Trajetória e legado de Otto Maria Carpeaux”. *Revista da Biblioteca Mário de Andrade*, v. 63, 2007, pp. 16-25.

_____. “A biblioteca final: surpresas e revelações”. *Revista da Biblioteca Mário de Andrade*, v. 63, 2007, pp. 26-35.

_____. “Carpeaux crítico da modernidade: uma interpretação de *Wege nach Rom*.” *Communicare*, São Paulo, v. 8, 2008, pp. 95-102.

_____. “Formação do campo da crítica no Brasil: a contribuição de Otto Maria Carpeaux”. *Conexão* (UCS), v. 8, 2009, pp. 105-116.

_____. “Otto Maria Carpeaux leitor de Walter Benjamin: Passagens do moderno”. *Ghrebh- Revista de Comunicação, Cultura e Teoria da Mídia*, n. 15, São Paulo, março 2010, pp. 162-177.

_____. “Missão e profissão: a crítica literária de Otto Maria Carpeaux”. *Remate de males*, v. 31, Campinas, jan/dez 2011, pp. 283-297.

_____. “O lugar de Otto Maria Carpeaux no campo da crítica”. *Revista USP*, n. 95, 2012, pp. 142-149.

_____. “Mediação e legitimação em Otto Maria Carpeaux”. In: *A crítica e o campo do jornalismo*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, pp. 51-67.

VIANNA, Thereza Vicente. *Carpeaux e o futuro da crítica*. Tese

(Doutorado em Literatura Comparada) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

VILLAÇA, Alcides. Orelha. In: CARPEAUX, Otto Maria. *Sobre letras e artes*. Seleção e prefácio de Alfredo Bosi. São Paulo: Nova Alexandria, 1992.

WAIZBORT, Maria do Carmo Malheiros. *Um diálogo crítico: Otto Maria Carpeaux e as “ciências do espírito”*. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas (FFLCH), Universidade de São Paulo, 1992.

ZAMBONI, Fausto José da Fonseca. “Carpeaux e a literatura italiana”. *Línguas & Letras* (UNIOESTE), v. 3, 2008, pp. 161-174.

GUILHERME MAZZAFERA S. VILHENA é doutorando em Literatura Brasileira pela FFLCH-USP, com pesquisa sobre a crítica literária de Otto Maria Carpeaux.